

José Ortega y Gasset, *Goethe o libertador: e outros ensaios*. trad. de Ricardo Araújo, Sidney Barbosa e Guimar Monge (São Paulo: Editora Iluminuras, 2022) ISBN: 978-6555191486 109 pp.

Goethe o libertador: e outros ensaios é uma obra de José Ortega y Gasset, lançada pela Editora Iluminuras em 2022. O filósofo espanhol, conhecido por suas reflexões sobre o conhecimento e a educação, foi um pensador que explorou o conceito de razão vital.

O prefácio da edição brasileira é escrito por Ricardo Araújo que evoca não o conteúdo direto, mas o gesto reverente, performático, quase litúrgico, de repetir o nome – “Goethe, Goethe, Goethe” – como quem invoca algo que não se esgota na explicação. O nome se torna símbolo. Goethe é menos um indivíduo e mais uma força cultural viva, uma constelação de sentidos, um ponto de convergência entre natureza e história, mito e razão.

Há o uso de analogias audaciosas e movimentos conceituais complexos, de intenção notadamente filosófica. Goethe é apresentado como aquele que viveu e escreveu num tempo em que o “progresso” era ainda uma novidade pulsante. Um tempo em que termos como “eletricidade” ou “liberdade” possuíam ressonâncias fundadoras e ambíguas, antes de se tornarem técnicas ou juridicamente fixadas. Araújo sugere que Goethe habita esse entre-lugar, entre a marcha do progresso e a dança da imaginação estética. O mesmo solo em que Hegel construiu a filosofia da história. Nesse cenário, Goethe surge como figura axial, que não nega o progresso, mas o desloca: não marcha, dança. Tal gesto o afasta tanto da rigidez da técnica quanto do puro improvisado do acaso. O prefácio, portanto, não apenas apresenta os ensaios de Ortega y Gasset, mas os situa numa genealogia filosófica e poética em que Goethe se torna símbolo de um tempo em transição. Um tempo em que a razão e o mito não se excluem, mas se refletem mutuamente, e no qual o andar incerto, a dança tensa e o salto improvisado são expressões da liberdade moderna – tanto temida quanto desejada.

No capítulo “*Goethe, o libertador*”, o autor de *Werther* torna-se signo maior de uma crise moderna de consciência. Para Ortega y Gasset, o poeta alemão encarna um desafio: não apenas um autor a ser compreendido, mas um espelho em que o europeu moderno reluta em se reconhecer. Essa resistência à consciência de Goethe, ou *Goethesbewusstsein*, como o autor propõe com ironia neológica, revela um mal-estar cultural profundo.

A crítica recai sobre a filologia goethiana – um século de erudição, documentos, comentários, biografias e análises – que, no entanto, falha em oferecer ao leitor contemporâneo uma verdadeira compreensão viva do autor. Ortega y Gasset identifica aí um problema mais amplo: a ciência, quando divorciada da busca por essencialidades, transforma-se em vício. Uma ocupação ritual, vazia de sentido, incapaz de responder à inquietação radical que habita a vida humana.

A centralidade do texto repousa sobre uma distinção entre o “que fazer” e o “fazer qualquer coisa”. A vida, para o filósofo espanhol, é definida pelo imperativo do *que-fazer*. Viver é, essencialmente, agir; porém, agir de modo autêntico, em conformidade com a própria vocação interior – o *sottovoce* que sussurra a necessidade de um sentido dramático, verdadeiro, insubornável. O vício da laboriosidade, no entanto, oculta essa voz. O indivíduo moderno, ocupado em múltiplas tarefas des-

providas de finalidade superior, engana-se: acredita estar cumprindo a vida, quando na verdade a falsifica.

A figura do *fainéant*, o ocioso absoluto, ainda que condenado ao tédio, ao menos preserva a verdade de sua condição ao recusar um fazer inautêntico. Já o trabalhador excessivo, que se dedica a tarefas irrelevantes apenas para calar o silêncio da existência, pratica uma falsificação espiritual. A crítica se volta então para a ciência – e especificamente para aquela ciência que perdeu o contato com a essência – como a filologia que, diante de Goethe, produziu toneladas de saber sem iluminar o sentido de sua obra.

Gasset propõe, então, uma reinterpretação da ciência: não como mera coleta de dados, mas como extração de essencialidades. A ciência verdadeira deve destilar do universo os elementos indispensáveis à vida. Goethe, neste sentido, representa o paradigma de uma atividade criadora com finalidade vital, e não ritual. Ele é o símbolo de um fazer que liberta – não pela quantidade de trabalho, mas pela qualidade do sentido que esse trabalho realiza.

No capítulo “*Um Goethe do seu interior*”, publicado originalmente na *Die neue Rundschau* por ocasião do centenário da morte de Goethe, Ortega y Gasset recusa o tom celebrativo, preferindo transformar o pedido de homenagem em meditação profunda sobre o desgaste da tradição europeia. A carta dirigida a um amigo interroga a própria capacidade do presente em se relacionar com o passado. Logo no início, Gasset afirma que não aprecia centenários. Essa aversão não é gratuita, mas aponta para a inadequação do espírito europeu em 1932 frente à herança cultural que se pretendia exaltar. O problema central da época, segundo o filósofo, não está apenas no presente convulso nem no futuro incerto, mas sim no colapso da confiança no passado. O europeu moderno, tomado pela crise, vê-se órfão de sua própria história. E é precisamente esse abalo no solo da memória que torna o tempo contemporâneo tão insolitamente grave.

A vida é compreendida por Gasset como um *fazer*, não como um estado. Viver exige decisão e construção, muito além da mera ação pontual. A célebre frase goethiana – *Am Anfang war die Tat* – é reinterpretada: a ação é apenas o início, e a vida se realiza na persistência, na execução do decidido, na transformação de intenções em realidade concreta. O passado, nesse processo, deveria funcionar como repositório de meios e métodos, como instrumental de sobrevivência diante do risco do futuro.

No entanto, Gasset constata um fenômeno desolador: o passado, que deveria ser fonte de segurança, tornou-se abismo.

No capítulo “*Segunda Conferência sobre Goethe em Aspen*”, Gasset examina a noção de “experiência da vida” como uma forma de conhecimento singular, distinta do saber científico ou filosófico tradicional, pois emerge diretamente do processo existencial do sujeito e é inseparável da vivência concreta. Trata-se de um saber intraduzível, que se acumula com o tempo e molda a identidade do indivíduo à medida que este atravessa as diferentes fases da existência. Essa experiência é apresentada como o fundamento da realidade humana, sendo constantemente apropriada e ressignificada pelo sujeito em primeira pessoa. A literatura, especialmente o romance, é destacada como meio privilegiado de expressão dessa experiência, oferecendo vislumbres da vida em sua densidade concreta. O autor recorre ainda à figura de Fausto,

de Goethe, como símbolo da tensão entre a vida vivida e o desejo de recomeço, indicando que o verdadeiro conhecimento sobre a existência se dá no próprio ato de viver, antes de qualquer reflexão filosófica sistemática.

No segundo centenário do nascimento de Goethe, no fragmento da conferência “*Goethe em Weimar*”, escrito para assinalar a efeméride, o autor contesta a imagem comum do poeta como símbolo de serenidade e harmonia naturais. Tal leitura, segundo ele, confunde a serenidade estética de sua obra com sua vivência interior, incorrendo num erro recorrente de muitos biógrafos: imaginar que o homem reflete diretamente sua criação. A paz presente em sua literatura seria, na verdade, fruto de duras lutas internas, renúncias e inquietações persistentes. A verdadeira grandeza de Goethe, então, não estaria na ausência de conflito, mas na conquista ativa de um universo ordenado a partir do caos íntimo – uma serenidade que não é dom, mas vitória.

O texto “*Goethe e seu entorno*”, de José Ortega y Gasset, apresenta reflexões sobre Goethe a partir de uma perspectiva periférica, em vez de adotar o centro habitual de sua obra. O autor menciona ter falado sobre Goethe em diversos lugares do mundo, criticando abordagens reducionistas, como a interpretação econômica da história. Defende que, para compreender um ser humano – ou um autor como Goethe –, é necessário partir de seu “dentro”, de sua interioridade, como já dizia Santo Agostinho.

Conforme Gasset, o gênio alemão representa um ponto central da civilização europeia e sua obra, embora complexa e frequentemente mal compreendida, expressa a unidade vital da cultura europeia. Contudo, na Europa do pós-guerra, tudo parece questionável – inclusive Goethe –, em razão da crise de valores e da perda de orientação espiritual.

Ante toda a obra, em relação a Goethe, Ortega y Gasset destaca que o poeta alemão, uma figura central do romantismo, é o protótipo do “herdeiro espiritual”, alguém que, ao mesmo tempo, vive dos clássicos e se torna um clássico em si mesmo. Para Ortega y Gasset, Goethe não apenas legitima sua obra diante da história literária, mas também busca justificar-se diante da vida, tornando-se, assim, o “artista da vida” e o “clássico da vida.”

Em suas palavras, Gasset discorre sobre o romantismo, destacando que este movimento representa o “descobrimento pré-conceitual” de que a vida não é apenas uma sucessão de eventos, mas sim um problema fundamental, o “problema de si mesma”. Essa ideia se reflete na busca incessante de Goethe por entender a vida através de seus próprios dilemas existenciais, especialmente em sua obra mais famosa, *Fausto*. O personagem Fausto deseja uma segunda vida, mas, ao reviver sua juventude, ele acaba esquecendo o que já viveu, não experimentando realmente uma segunda oportunidade, mas sim uma repetição de um ciclo insatisfeito.

Goethe, um dos maiores representantes do romantismo alemão, abordou em sua obra temas como o amor e a mulher, mas também a solidão e o dilema existencial. O sentimento de solidão de Fausto é paralelo ao vivido por outras figuras literárias, como o personagem de Edgar Allan Poe no poema “*Alone*”, que, assim como Fausto, se encontra em uma busca pela individuação. Esse tema também aparece em *Of Human Bondage*, de Somerset Maugham, na figura de Cronshaw, um poeta que se isola em bares e se distancia da sociedade, uma imagem que lembra a maneira como Fausto e Mefistófeles se juntam aos jovens universitários em uma taverna.

Conforme Gasset sublinha consistentemente em toda a obra, essa solidão e busca pela individuação estão relacionadas ao romantismo como uma atitude, algo que transcende a mera poesia. A busca por uma identidade própria e a força da palavra para revelar um ser interior continuam a ressoar nos poetas contemporâneos. Ortega y Gasset observa que Goethe, ao focar na sua própria “individuação”, estabelece uma singularidade que o distância das convenções sociais e o transporta para um universo simbolista. Assim, Goethe não apenas se expressa de forma única, mas também se torna um exemplo de como a arte pode criar uma realidade alheia ao cotidiano, o que é evidenciado na metáfora de “dança e marcha”, onde o poeta caminha como uma flor, singular e livre, diante da multidão.

Como se sabe, *Fausto*, de Goethe, levou 60 anos para ser concluído e foi publicado apenas um ano antes da morte do criador. O gênio alemão dedicou toda a sua vida a lapidar seu trabalho mais robusto, com um empenho, talvez, comparável ao de Michelangelo em sua obra *Davi ou mesmo Dante e sua Divina comédia*. A obra goethiana é dividida em dois volumes: o primeiro explora o microcosmo da experiência humana, enquanto o segundo se expande para o macrocosmo da realidade. Por fim, podemos dizer que ambas as partes, atuando juntas, formam a completude da cosmologia de Goethe, uma proposta sistemática de poesia.

O primeiro volume enfoca as experiências individuais, os conflitos internos e as aspirações pessoais. Um dos conflitos de Fausto, e talvez o principal da obra, é o vazio que o protagonista experimenta. Mesmo tendo toda a erudição de um homem que se dedicou às letras e aos conhecimentos mais secretos e obscuros que se possa imaginar, Fausto é incapaz de sentir qualquer coisa. Esse é o ponto nevrálgico que o leva a pensar em suicídio no início do poema. Fausto está profundamente insatisfeito com a vida, apesar de seus méritos e conquistas acadêmicas. Ele sente que o conhecimento que adquiriu é inútil e não lhe proporciona a realização ou o entendimento profundo que busca.

Em um momento de desespero, ele pondera sobre a possibilidade de acabar com sua própria vida. Contudo, durante a “Noite de Páscoa”, sua decisão é interrompida pelos sons dos corais da Páscoa, que ecoam a celebração da ressurreição de Cristo, evitando assim que ele cometa suicídio naquele instante. Essa crise existencial e o desejo de encontrar um propósito mais profundo levam Fausto a fazer um pacto com Mefistófeles, o Diabo, em busca de experiências e conhecimentos que possam preencher seu vazio interior. A luta interna de Fausto e sua busca pelo significado da vida são temas centrais ao longo da obra.

O segundo volume se amplia para o macrocosmo, abordando temas mais universais e transcendentais, como a redenção, a natureza do mal e a busca pelo sentido da vida. Juntas, essas partes formam uma visão completa e complexa do mundo segundo Goethe. E, já pulando para o final, o que talvez não fique tão claro é como Fausto foi salvo, visto que não há uma redenção tão explícita. Bem, a verdade é que, além de, no início da tragédia, Fausto sentir um único relance de paz – quando observa os cristãos na noite de Páscoa se dirigindo à igreja – esse tom que Goethe dá, além de ser pontual, é importante para o que posteriormente viria a ser escrito. Fausto vai aos infernos no final de seu pacto, mas é resgatado por alguns anjos e vai subindo a uma espécie de Empíreo, como se vê no poema “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, mas de uma maneira menos sofisticada. Ao ser levado, ele vai perpassando

por círculos etéreos, até ser revelado que o perdão de Gretchen/Margarida o levou até a presença da Virgem Maria, deixando claro no poema os símbolos de *catábase* e *anábase* – descida aos infernos da alma e ascensão ao paraíso – gerando um efeito psicológico na personagem de Fausto de individuação.

A figura feminina aqui é importante e totalmente simbólica. Enquanto o homem é representado pelo componente masculino do Sol, aspecto ativo ligado à liderança, às ações físicas, como a guerra e os empreendimentos voltados para a ação, o que redime Fausto é o sagrado feminino, ligado ao componente feminino da Lua – o aspecto mais passivo, voltado para o perdão, os sentimentos e a caridade. Fausto, portanto, tem seus instintos simbólicos totalmente ligados ao que é telúrico. Mesmo buscando uma vida de transcendência através da filosofia, da metafísica e do esoterismo, ou o que poderíamos chamar de mistérios menores, ele sempre é puxado, como se fosse uma força gravitacional, trazendo-o de volta à terra. Isso é notável em sua busca pela tradução perfeita do trecho da Sagrada Escritura.

Conforme aponta Gasset, é perceptível que a jornada empreendida por Fausto durante toda a primeira parte de sua vida foi pautada pela inquietação existencial, característica de uma vida terrena: uma alma atormentada pelo mundano, mesmo ao tentar observar a transcendência. Fausto sempre via essa transcendência de tal maneira que seus olhos eram gravitacionalmente atraídos para a natureza, sem conseguir alcançar o aspecto mais elevado. O papel de Margarida (como símbolo feminino/lunar) é fundamental para eclipsar Fausto, fazendo-o perceber os tons mais iluminados de sua realidade solar. Por meio do crepúsculo causado em sua alma, ele é contrariado pelo seu conhecimento e sua Ação, sendo posto diante do amor, do perdão e da compreensão, que só puderam ser enxergados na penumbra de sua vida.

Em suma, os artigos articulam filosofia e retórica com maestria. A alternância entre o tom íntimo e o rigor conceitual do ensaio filosófico cria um espaço ambíguo, onde o discurso intelectual é atravessado pela confissão existencial. Gasset, com seu estilo limpo e incisivo, estrutura um pensamento em espiral, que parte do indivíduo e retorna ao universal – da leitura de Goethe ao colapso da cultura ocidental. Gasset propõe, portanto, não uma comemoração, mas uma revisão profunda da relação entre presente, passado e futuro. Um convite à interiorização de Goethe, não como monumento, mas como método vital.

Paulo Henrique Fernandes da Silva Ferreira Braga,
Universidade Municipal de São Caetano do Sul
pfernandesbraga@outlook.com
0000-0003-3616-5758
DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_68_17

Raul Cardoso Santos
Universidade Internacional Uninter
raulsantos.c95@gmail.com
0009-0006-2490-9886
DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_68_18